

Novas questões para a arqueologia do Império: expedição de Charles Wiener e Fritz Müller na província de Santa Catarina em 1875-76 e o diálogo entre arqueologia e as ciências naturais

Jovenson Carlos Casagrande¹

Resumo: Este trabalho tem como tema a exploração arqueológica dos sambaquis de Santa Catarina feita pelo explorador americanista Franco-Austríaco Charles Wiener (1851-1913) durante os anos de 1875-76 que fez parte de uma grande expedição na América Latina organizada pelo *Ministère de l'Instruction Publique* do governo francês. Em várias empreitadas na província, Wiener foi acompanhado pelo naturalista alemão Fritz Müller (1821-1897) já conhecido e prestigiado na região e no Império que acabava de ocupar um cargo como naturalista viajante do Museu Nacional. Propomos entender a participação do naturalista na expedição ressaltando o diálogo da arqueologia de Wiener e as ciências naturais de Müller. Utilizamos como fontes o relatório oficial da expedição publicado na revista do *Archivo do Museu Nacional* (1876) por Wiener e uma carta de Fritz Müller dirigida a Charles Darwin, posteriormente publicada na revista *Nature* em 1876.

Palavras-chave: Arqueologia; Santa Catarina; Charles Wiener; Fritz Müller.

Abstract: This work is about the archaeological exploration of Santa Catarina's sambaquis by the Frech-Austrian americanist Charles Wiener (1851-1913) during the years 1875-76 who was part of a large expedition in Latin America organized by the *Ministère de l'Instruction Publique* of Frech government. In several works, Wiener was accompanied by Fritz Müller (1821-1897) already known and prestigious in the region and in the Empire who had to occupy a position as traveling naturalist of *Museu Nacional*. We propose to understand the Müller's participation highlighting the dialog of Wiener's archaeology with Müller's natural science. We use as source the official report of the expedition published in *Archivo do Museu Nacional* (1876) by Wiener and a letter from Fritz Müller addressed to Charles Darwin that was published in the journal *Nature* in 1876 too.

Key-words: Archeology; Santa Catarina; Charles Wiener; Fritz Müller.

Charles Wiener² (Viena, 1851 – Rio de Janeiro, 1913) foi um renomado explorador nascido na Austria que imigrou para França com sua família onde começou a desenvolver seus estudos americanistas sobre as culturas préhispanicas. Com apenas 24 anos ficou encarregado de uma grande exploração etno-arqueológica nas regiões andinas da América do Sul, cujo intuito seria realizar escavações e fazer descrições etnográficas do Peru e da Bolívia. Esta expedição o consagraria como um dos maiores exploradores do séc. XIX publicando

1Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: jovencasagrande@gmail.com

2Na documentação do Museu Nacional, Charles Wiener aparece como “Carlos” e Fritz Müller como “Frederico Müller”, este último foi tratado assim até 1879.



várias obras em idioma francês, como seu livro *Pérou et Bolivie* (1880)³, além de fomentar os museus franceses de uma enorme quantidade de materiais etnológico e arqueológicos que foram expostos pela primeira vez na exposição universal de Paris de 1878⁴. Em 1879 foi nomeado vice-cônsul da França no Equador. Wiener passou seus últimos anos no Brasil, onde faleceu, deixando uma rica descrição do país do início do século XX em sua obra *333 jour au Brésil* (1911), assim como havia feito na Argentina (1899)⁵ e Chile (1888)⁶.

Antes de chegar ao Peru em 1875 para a missão nos Andes, Wiener recebeu um convite de Ladislau Netto (1838-1894), diretor do refundado Museu Nacional para escavar os sambaquis da província de Santa Catarina. Aceitando o convite, Wiener chegou à província de Santa Catarina, onde encontrou Fritz Müller, naturalista alemão já conhecido e prestigiado na região e no Império, demonstrando interesse em acompanhar o cientista franco-austriaco nas escavações.

Johann F. T. Müller (apelidado de Fritz) nasceu em Windisch Holzhausen em 1822 na Alemanha, formou-se em filosofia pela universidade de Berlim e cursou medicina na universidade de Greifswald. Emigrou da Alemanha após o fracasso da revolução de 1848 e estabeleceu-se na colônia de Blumenau em 1852 onde construiu sua moradia junto com sua família. Müller continuou desenvolvendo em solo brasileiro o que já vinha fazendo na Alemanha, seus estudos de História Natural. Mudou-se para a capital da província, Desterro, em 1856 junto com sua família. Foi ali que teve contato com a obra de Charles Darwin (1809-1882): *A origem das espécies* (1859). Em 1964 ele publicou o livro *Für Darwin*, defendendo as teorias do naturalista inglês.

O que motivou a escrita deste artigo foi entender o que levou Fritz Müller, que vinha pesquisando exclusivamente fenômenos naturais, a participar de uma missão arqueológica e etnográfica. O sobrinho de Müller, Alfred Möller, publicou em 1915-20 uma grande compilação em alemão dos trabalhos e cartas do naturalista sob o título '*Werke, Briefe und Leben*'⁷ (Trabalhos, Cartas e Vida). Nesta antologia de três volumes há um índice das obras de Fritz na qual podemos constatar sem muito esforço que a expedição foco deste artigo é o

3 WIENER, Charles. *Pérou et Bolivie*. Récit de voyage, suivi d'études archéologiques et ethnographiques et de notes sur l'écriture et les langues des populations indiennes. Paris: Hachette, 1880.

4 RIVIALE, Pascal. Charles Wiener o el disfraz de una misión lúcida. *Bulletin de l'Institut français d'études andines*, Lima, n. 32, v. 3, p. 539-547, 2003. p. 543. Disponível em: < <http://bifea.revues.org/6153>>. Acesso: 29 maio 2016.

5 WIENER, Charles. *La République Argentine*. Paris: Cerf., 1899.

6 WIENER, Charles. *Chili et Chiliens*. Paris: L. Cerf., 1888.

7 MÖLLER, Alfred; MÜLLER, Fritz. *Werke, Briefe und Leben*. Jena: Gustav Fischer, 1915-20.



único trabalho seu sobre arqueologia.

Lançando luz sobre este problema, pretendemos compreender a utilização de explicações provenientes das ciências naturais para explicar fenômenos arqueológicos na citada expedição, fazendo algumas considerações sobre a construção da arqueologia como área do conhecimento interdisciplinar.

Além da discussão sobre o conteúdo da ciência arqueológica do século XIX, só podemos compreender esta área do conhecimento através de seus desdobramentos políticos e sociais e como ela se ‘encaixava’ no contexto Imperial do Brasil. Para Mayr, mesmo que o historiador da ciência se dedique ao que poderíamos chamar de história-epistemológica, história da filosofia da ciência ou história dos problemas científicos, ou seja, uma história pautada em narrar o desenvolvimento científico como pensamento coerente entre si, ele não deve deixar de situar o cientista estudado em seu contexto. Ele escreve: “a ciência é uma forma de atividade humana, e por isso inseparável do meio intelectual e institucional da época”⁸. E é neste sentido que apresentaremos uma breve reconstrução do contexto intelectual no qual a arqueologia se desenvolveu em território brasileiro para então introduzir as contribuições de Wiener e Müller.

A expedição contou com várias viagens de campo e foi publicada oficialmente como o primeiro artigo da primeira revista dos *Archivos do Museu Nacional* em 1876. A primeira parte do documento apresenta a carta de Ladislau Netto convidando Wiener a vir ao Brasil realizar seus primeiros trabalhos. Posteriormente a expedição é relatada, finalizando com conclusões próprias de Wiener sobre os habitantes dos sambaquis.⁹ Por parte de Müller, a expedição aparece em uma carta dirigida a Charles Darwin, onde são descritas brevemente algumas observações sobre os sambaquis e as espécies que os compõem, no final da carta Müller adverte que os resultados seriam logo publicados em versão oficial e não caberia se alongar no assunto naquele momento¹⁰.

Para compreender a expedição, primeiramente trago a contextualização da arqueologia no Império do Brasil. Depois partiremos para a expedição em si, buscando destacar a

8MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998. p. 17.

9WIENER, Charles. Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, v.1, p. 1-20, 1876. Disponível em: <<http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/periodicos.html>>. Acesso em 2 nov. 2015.

10 MÜLLER, Fritz. Carta a Darwin de 25 dez. 1875. In: ZILLIG, Cezar. *Dear Mr. Darwin: a intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*. São Paulo: Sky, 1997. p. 198. Posteriormente publicada por Darwin com a autorização de Müller na revista inglesa *Nature*. Cf. MÜLLER, Fritz. On Brazil Kichen Middens, habits of ants etc.: letter to Mr. Darwin. *Nature*, v. XIII, p. 304-305, 1876.



participação do naturalista alemão. Por último, faremos algumas considerações sobre as hipóteses das ciências naturais contidas no relatório e o nascimento da arqueologia como ciência interdisciplinar.

A arqueologia do Segundo Império

No Brasil, a arqueologia passou a ter espaço na agenda do Império com a criação do Instituto Histórico e Geográfico (IHGB) em 1838. Para entender a produção do IHGB, devemos levar em consideração o contexto político do Império e a relação entre o conhecimento/saber e o poder¹¹, ou seja, só podemos compreender a arqueologia do século XIX através do seu uso político. O IHGB buscava a criação de uma identidade nacional única pautada em um passado singular¹². Neste sentido, tentou-se encontrar um passado glorioso para a Nação brasileira antes da chegada dos europeus na América, como nos outros países da América do Sul que podiam amparar-se nos grandes impérios pré-colombianos na criação de uma identidade contraposta a europeia.

Para Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), naturalista alemão que foi sócio-correspondente do IHGB, os indígenas brasileiros eram parte da fase decadente de uma antiga civilização que foi tão grandiosa quanto a Azteca ou a Inca. Portanto, encontrar resquícios dessa civilização tornou-se um objetivo arqueológico, entrando cada vez mais no interior do país. Martius ficou famoso por “correlacionar o desenvolvimento do país com o aperfeiçoamento específico das três raças que o compunham”¹³. As especificidades eram: o elemento civilizador do branco; o índio ‘degenerado’ que precisava da luz do progresso; e o negro como obstáculo ao progresso. A Nação Brasileira teria estas peculiaridades em relação às outras nações, como as européias que eram apenas constituídas por povos brancos.

Outra hipótese que circulava dentro do IHGB era a de que os indígenas brasileiros descendiam de povos de origem ‘branca’, e seriam “produtos de uma aventura marítima, o resultado de uma imigração não planejada, de um acidente de percurso que teria trazido

11 FERREIRA, Lúcio M. Vestígios de civilização: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da arqueologia imperial (1838-1870). *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 1, n. 4, p. 9-36, 1999. p. 11-12.

12 SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 99.

13 Ibidem, p. 112.



civilizações para o Brasil”¹⁴. Largamente divulgada é a expedição à Pedra da Gávea no Rio de Janeiro realizada neste contexto que buscou examinar as possíveis inscrições fenícias feitas na pedra. Podemos chamar esta tentativa de busca por um passado nobre como *Arqueologia Nobiliárquica*¹⁵.

Outra pesquisa que se destaca é do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880) na Lagoa Santa, Minas Gerais, onde desenvolveu importantes estudos sobre paleontologia e arqueologia e destacou-se na exploração de cavernas em solo brasileiro. Suas pesquisas têm caráter europeu sem passar pelas pautas e objetivos do IHGB, mas que foram publicadas nessa instituição. A descoberta feita por Lund do “Homem da Lagoa Santa” por volta de 1840 fez surgir novas questões sobre a antiguidade da habitação da América que através da estratigrafia¹⁶ Lund concluiu ser muito antiga em nível mundial. Um cientista de renome internacional como Lund fazendo tal afirmação atraiu a atenção de D. Pedro II nos estudos arqueológicos gerando uma elevação de recursos para expedições na segunda metade do século XIX¹⁷.

A arqueologia brasileira passou para uma nova fase, na qual ocorreu a sua institucionalização e tornou-se parte das atividades dos museus¹⁸. Em 1876 o Museu Real passou a denominar-se Museu Nacional, e juntamente com o Museu Paulista e o Museu Paraense, fomentou novas expedições realizadas no território nacional pelo cargo recém-criado de naturalista viajante.

A falta de evidências fez com que a arqueologia nobiliárquica decaísse. Não foram encontradas as almeçadas ruínas das grandes civilizações e as histórias sobre a origem nobre do ‘povo brasileiro’ não se sustentavam quanto ao conteúdo empírico das expedições.

O quadro de paradigmas da conturbada segunda metade do século XIX gerou uma série de novas questões para a arqueologia no Brasil, como o confronto entre a tese poligenista, que defendia várias origens em diversos lugares do globo para o ser humano, e a monogenista, uma origem só¹⁹. Além da latente discussão entre aqueles que acreditavam que

14 FERREIRA, 1999, p. 27.

15 Ibidem, p. 28.

16 Estudo dos estratos ou camadas de rochas, buscando determinar os processos que as formaram, além de ser um instrumento metodológico para datação.

17 BARRETO, Cristina. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, n. 44, p. 32-51, dez.-fev. 1999-2000. p. 36.

18 Ibidem, p. 37.

19 SCHWARCZ, 1993. p. 48.



a origem dos sambaquis era antrópica²⁰, como o botânico brasileiro Ladislau Netto diretor do Museu Nacional e aqueles que acreditavam que estes poderiam ser também naturais, como o intelectual e etnologista alemão Hermann von Ihering (1850-1930) que participou ativamente em pesquisas pelo Brasil. O sambaqui passou a ser peça central na arqueologia neste contexto. Se antes, por vezes chamados de “mausoléus” ou mesmo “pirâmides”²¹ pela arqueologia nobiliárquica, agora se tornaram fonte de muita informação sobre o passado.

Este foi apenas o começo de longas discussões entorno dos Sambaquis. Já no final do século XIX a corrente que defendia a origem natural dos sambaquis perdeu força, porém alguns pesquisadores ainda a discutiam até a década de 1940²². E dentro da tese artificialista ainda residia um dissenso entre arqueólogos que acreditavam na acumulação casual das conchas, como acúmulo de lixo fortuito, e aqueles que defendiam o sambaqui como ‘monumentos funerários’ pela grande quantidade de sepultamentos contidos neles²³, além, claro, de correntes mistas. Ainda hoje não existe um consenso por parte dos pesquisadores de sambaquis sobre suas finalidades. De fato, os estudos ficaram muito mais complexos, principalmente a partir da década de 1990²⁴, contudo, não cabe para o presente artigo o aprofundamento sobre este tema.

Mas vale ressaltar que os sambaquis são muito mais do que um amontoado de conchas, como o nome já diz (do tupi-guarani, *tamba*=concha/*ki*=depósito), eles apresentam uma grande diversidade de materiais como “utensílios, armas, ferramentas, adornos, restos alimentares, cinzas e carvões de antigas fogueiras, além de sepultamentos humanos e vestígios de antigas cabanas”.²⁵ Eles se estendem pelo litoral brasileiro, desde o Rio Grande do Sul a Baía de Todos os Santos e do Maranhão ao Pará²⁶, porém, podem aparecer em sistemas fluviais. Quanto a datação não existe um consenso exato, mas poderíamos colocar entre 6000 anos antes do presente e o primeiro milênio da era cristã.²⁷ Eles não são exclusividade do Brasil, encontram-se espalhados pelo globo, como aponta Tania Lima, “produzidos por sistemas socioculturais distintos, regidos por lógica própria e com sua

20BARRETO, 2000, p. 37.

21FERREIRA, 1999, p. 22.

22GASPAR, Madu. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 12.

23Ibidem, p. 13.

24LIMA, Tania Andrade. Em busca dos Frutos do Mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 270-327, 1999-2000. p. 306-309

25Ibidem, p. 271.

26 Ibidem, p. 272.

27 Ibidem, p. 271.



própria dinâmica interna, esses montes precisam ser analisados sob a ótica da diversidade, respeitando-se seus particularismos[...]”²⁸.

O trabalho de campo

Charles Wiener lecionava alemão na França e apesar dele já ter publicado um trabalho sobre as culturas andinas (*Essai sur les institutions politiques, religieuses, économiques et sociales de l’empire des Incas*, 1874), não contava com experiência de campo em arqueologia e etnologia, mesmo assim ele enviou ao *Ministère de l’Instruction Publique* francês um projeto de exploração arqueológica nos países andino em 18 de junho de 1875.²⁹ Este ministério foi fundado em 1828 e, além de atender os temas de educação pública da França, cuidava dos assuntos relevantes ao financiamento das expedições científicas. No ano de 1874 foi criado o Serviço de Missões Científicas e Literárias dentro do ministério que passou a empreender “uma verdadeira política de investigações”³⁰, aumentando consideravelmente o número de expedições³¹. O projeto de Wiener foi facilmente aceito neste contexto em 9 de julho de 1875 e ficou encarregado de uma missão arqueológica e etnográfica ao Peru e a Bolívia³².

Wiener havia previsto começar sua viagem pelo Equador³³, porém uma carta mudou seu itinerário. Esta carta foi enviada por Ladislau Netto em 1875 pedindo a passagem do cientista franco-austriaco pelo sul do Brasil como coordenador de uma expedição³⁴, este último com interesse e entusiasmo aceitou o convite. Ladislau instigou o europeu a investigar a origem dos sambaquis da província de Santa Catarina tendo como base a questão da divergência de opiniões sobre a tese da origem natural ou artificial daquele ‘amontoados de conchas’ que apareciam também em países do norte, como a Dinamarca.

Wiener chegou ao Brasil junto com a primavera de 1875 e ficou até janeiro de 1876

28 Ibidem, p. 314.

29 RIVIALE, 2003, p. 542.

30 RIVIALE, Pascal. *Los viajeros franceses en busca del Perú antiguo (1821-1914)*. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos, 2000. Parágrafo 6. Disponível em: <<http://books.openedition.org/ifea/3568>>. Acesso: 29 maio 2016.

31 Ibidem, parágrafo 5.

32 RIVIALE, 2003, p. 542.

33 RIVIALE, 2003, p. 543.

34 WIENER, 1876, p. 1-2.



quando partiu para o Peru³⁵. A escavação na província de Santa Catarina seria, portanto, seu primeiro trabalho. Carlos Schreiner, naturalista viajante do Museu Nacional, foi encarregado no Rio de Janeiro de acompanhar Wiener na expedição. Quando estes dois chegaram na província de Santa Catarina encontraram um homem que veio até eles demonstrando interesse na pesquisa³⁶. Era Fritz Müller, professor de matemática no Colégio Ateneu Provincial³⁷. Müller havia recebido o convite de Ladislau Netto para ser naturalista viajante em 1874, porém as dificuldades burocráticas levaram a nomeação do cargo somente em 2 de outubro de 1876³⁸, ou seja, quase um ano depois do encontro com Charles Wiener. Neste meio tempo, antes de ser oficializado ‘naturalista viajante’ e passar a receber por isso, Müller continuava seus trabalhos de campo trocando cartas com Darwin junto com o cargo de professor de matemática.

Além de Müller, o cientista europeu cita outros nomes que o ajudaram na organização das escavações, como os doutores Silva Ramalho, Pitanga e o filho do vice-consul francês, Sr. Martiniere. Infelizmente o relatório não nos fornece o número exato, as datas, locais precisos e pessoas que participaram das escavações. Ele fornece apenas alguns locais como: a Ilha de São Francisco, a Ilha de Santa Catarina (rio Ratonas, rio Tavares, rio Cachoeira, Cannas Vieiras), lagoa do Sanhassú, ‘bahia conhecida pelo nome de ‘Lagôa’³⁹, margens do baixo Itajahy, Armação da Piedade, Porto Bello, rio Bahú, rio Luiz Alvez e Joinville. Fritz Müller acompanhou os expedicionários em três escavações: no rio Luíz Alves, no rio Bahú e na Armação da Piedade.⁴⁰ A passagem de Wiener pelo Brasil durou cerca de quatro meses, neste intervalo Wiener agradeceu ao presidente da província de Santa Catarina Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho pelas informações sobre os sambaquis que o ajudaram a organizar a expedição em tão pouco tempo⁴¹.

O relatório escrito por Charles Wiener em 1875-76 e apresentado na revista do Museu é dividido em quatro partes: “I – Situação topographica, fôrma e dimensões dos sambaquis”; “II – Dos materiaes de que se compõem os sambaquis; III – Da disposição interior dos sambaquis”; “IV – Breve descrição dos objetos colhidos pelos membros da expedição”;

35 RIVIALE, 2003, p. 545;

36 Esta passagem aparece relatada em nota de rodapé. Cf.: WIENER, 1876, p. 13.

37 CASTRO, Moacir. *O sábio e a floresta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 107.

38 Ibidem, p. 107.

39 WIENER, 1876, p. 6.

40 Ibidem, p. 13.

41 Ibidem, p. 4.



“Synthese e conclusão”⁴².

Na primeira parte são relatados os terrenos onde aparecem os sambaquis, distância com o mar, formas e dimensões. Wiener afirma que o terreno onde estão situados são em grande parte pantanoso e seriam, no passado, muito mais pantanosos⁴³, já que o nível do mar haveria diminuído no Brasil. Para afirmar isso, o arqueólogo utiliza uma observação feita por Fritz Müller colocada em nota de rodapé:

O Dr. Frederico Muller nos citou como exemplo, em auxilio desta opinião que elle adopta [a de que o nível do mar diminuiu em relação ao passado], uma pequena península que se formou ha cerca de 30 annos do lado do N. de Desterro, sobre a praia de Fóra, e nos assignalou um outro factu igualmente curioso: ao norte da ilha de Santa Catharina, ha um rochedo sobre o qual elle achára á dous metros acima do nível em que vive a especie *Vermetus*, numerosas conchas deste mollusco⁴⁴.

Para reforçar a tese geológica de que o mar recuou, Wiener usa uma observação biológica feita por Müller, de que foram encontradas conchas de um molusco marinho a dois metros do nível do mar. Isso também acontece em seguida, quando o arqueólogo se refere a flora comum nas regiões onde os sambaquis estão localizados, que segundo Müller, são plantas de lugares pantanosos⁴⁵. Existiria, dessa maneira, uma associação entre sambaquis e lugares pantanosos.

Atualmente sabemos que a instalação dos sambaquis não foi fortuita. Existe uma relação entre a construção deles e ambientes estuários, pois, “trata-se de um dos ambientes de maior produtividade biótica da costa, na medida em que – como zonas de transição entre os habitantes marinhos e a água doce da drenagem terrestre – são povoados não só por organismos naturais de cada um deles, mas também por espécies características desses ecotonos⁴⁶. Essa peculiaridade lhes oferece uma alta densidade e diversidade de formas de vida”⁴⁷. Consequentemente, uma grande oferta de alimentos na qual as populações sambaquieiras poderiam se prover.

Na segunda parte do relatório aparecem os materiais que compõem os sambaquis. São descritas detalhadamente as espécies de moluscos componentes, as camadas internas,

42 Ibidem, p. 5-15.

43 Ibidem, p. 5.

44 Ibidem.

45 Ibidem, p. 6.

46 Zonas dinâmicas de transição de ecossistemas.

47 LIMA, 2000, p. 272.



sepultamentos humanos. As espécies mais abundantes de moluscos encontrados seriam o berbigão (uma espécie de *Venus*) e uma concha do gênero *Corbula*⁴⁸.

Na terceira parte, aparecem relatados os objetos que foram recolhidos pela expedição, como diversos tipos de machado, almofarizes, pedras de amolar, vasos de argila, pontas de flechas, ossos humanos e de animais, além de outros objetos não identificados quanto a sua função. As ilustrações dos materiais recolhidos na expedição aparecem em anexo no final do volume.

Na conclusão, o autor contribuiu para a discussão sobre a origem antrópica ou natural dos sambaquis com uma saída mista. Ele separa em três tipos: os naturais; os artificiais de origem fortuita; e os artificiais planejados como monumentos, levando em consideração ainda que haveriam combinações entre os tipos, já que existiam ‘tribos’ que realizavam os sambaquis artificiais fortuitos e os planejados, como veremos a seguir.

Quanto aos sambaquis artificiais, que segundo Wiener, são a grande maioria. Eles são divididos entre os ‘monumentos’, planejados e os ‘fortuitos’, pouco ou nada planejados. Os primeiros seriam a paciente acumulação de conchas onde eram sepultados os mortos. Já os segundos seriam a acumulação de conchas como lixo doméstico, restos de refeições. O que mais chama a atenção é que Wiener constata neste segundo tipo a presença de ossos humanos separados do resto do corpo que, segundo ele, seriam também restos de refeições. Enquanto os primeiros grupos sepultavam os seus mortos os segundos devoravam-nos. Estava claro para Wiener qual era o mais ‘progridido’, ele escreve:

Certamente não se acham ainda firmadas as leis sociaes entre um povo que só vê no seu semelhante um objecto de alimentação; ellas só existem desde o dia em que o homem, prezando a sua individualidade, sente horror ante uma tal pratica. É por isso que a partir deste momento, tributa-se respeito ao que deixa de viver, enterram-no e a aparição do tumulo é certamente o indice do grande passo dado pelo bipede carnivoro (anthropophago) para tornar-se homem. A partir deste momento somente, isto é desde o dia em que a individualidade physica é respeitada, a individualidade moral pôde desenvolver-se e o progresso torna-se então possível e necessario⁴⁹.

Os ‘antropofagos’ seriam o estágio de pura selvageria, o animal humano antes de se tornar Homem, cujo próximo passo na escala do ‘progresso’ seria a criação dos túmulos, mesmo ‘rudes’ como um sambaqui, mas que respeitassem os mortos. Não é difícil imaginar

48 *Corbula* é um gênero de moluscos bivalves de água salgada da família Corbulidae.

49 WIENER, p. 17-18.



que esta visão pessimista do indígena coincidiu com as novas políticas indigenistas. A partir de 1870, o Império necessitava de uma política indigenista que suprisse a mão de obra de origem africana e também que subtraísse terras das populações indígenas⁵⁰.

Como escreve Lúcio M. Ferreira: “Scientia est potentia – tratava-se, para a Arqueologia Imperial, de melhor conhecer o indígena para melhor dominá-lo e civilizá-lo, para aproveitá-lo como mão-de-obra e como colonizador do interior do país, para amansá-lo como sujeito econômico e de Direito, para abrigá-lo sob a égide de um contrato social”⁵¹. A arqueologia foi o instrumento que através de seus métodos classificava as populações indígenas, “uma ferramenta adequada para peneirar-se as ‘raças’ indígenas que figurariam na imagem nacional a ser transmitida para as elites do Império e para as Nações civilizadas do mundo”⁵². O conhecimento deu o aval para o poder. Mais uma vez a ciência legitimou, escondida atrás da cortina da neutralidade, cujo pressuposto axiológico do saber fundamentava a filosofia positivista empregada nas ciências sociais do século XIX. As ciências sociais deveriam “limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou ideologias, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos”⁵³.

As conclusões de Wiener não colocaram um ponto final na discussão do papel do indígena na sociedade, longe disso, muitos outros preocupados com a natureza dos sambaquis também tiravam suas conclusões, por vezes opostas ao arqueólogo franco-austriaco. Assim ressalta Lima: “Pesquisadores de diferentes campos do conhecimento – geólogos, zoólogos, botânicos, antropólogos, médicos – participavam das investigações e externalizavam livremente suas opiniões”⁵⁴.

Agora deteremos nossa atenção sobre os sambaquis naturais. Tanto Wiener como Müller acreditavam que a formação do sambaqui natural seria possível. Sobre a provável gênese deste fenômeno, Müller opina (através das palavras de Wiener):

50 FERREIRA, Lúcio M. “Um bando de ideias novas” na arqueologia. *Diálogos*, Maringá, v. 5. n. 1, p. 141-167, 2001. p. 144.

51 FERREIRA, Lúcio M. *Solo civilizado, chão antropofágico: a arqueologia imperial e os sambaquis*. 2003. Disponível em: <http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/arq_hist_estrat/solo_civilizado.htm>. Acesso em: 5 out. 2015.

52 Ibidem.

53 LÖWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e postivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 25-26.

54 LIMA, 2000, p. 291.



[...] cada especie de animaes marinhos, não podendo viver senão em um nivel perfeitamente determinado, em relação ao do mar, se um abaixamento da costa collocar os molluscos fixados em um certo nivel, inferior ao que é próprio ao seu desenvolvimento, toda a geração assim deslocada inevitavelmente perecerá; esta geração póde servir de solo a uma nova geração, que tambem sacrificada, formará uma nova camada neste banco, a qual assim crescerá á modo de certos bancos de coral. Se se produzir um movimento contrario, se este solo, lentamente abaixado, vier a elevar-se, o banco de conchas, excedendo o nivel do mar, semelhante a uma ilha, apresentará os caracteres de um sambaqui, com a única differença de que nos sambaquis de Santa Catharina as conchas são isoladas, emquanto que no caso theorico que figuramos as conchas deviam estar, por assim dizer, soldadas umas ás outras.⁵⁵

A diminuição do nível do mar acarretaria no extermínio dos moluscos em montes, até o momento que o cume deste montes seriam expostos como ‘ilhas’. Não nos fica clara a convicção de Müller sobre este ‘caso theorico’, além do mais, no final da sua argumentação ele deixa a própria contradição empírica, os sambaquis criados desta maneira deveriam apresentar exclusivamente conchas bivalves⁵⁶ fechadas ‘soldadas umas ás outras’ e isso não foi observado nos sambaquis de Santa Catarina.

Em seguida, aparece a explicação de Wiener:

Ácerca de duas milhas da fóz do rio Ratonos, acha-se actualmente um banco enorme de birbigôas. Quando a maré sóbe traz areia e quando desce, principalmente depois da chuva, carrega Iôdo. Este banco, já bastante elevado, põe paradeiro a estas massas de areia e de Iôdo sobre as quaes as birbigôas morrem suffocadas; forma-se depois uma nova camada que é tambem suffocada e assim por diante até que a ilha sobrepuje as baixas marés. Elevando-se o solo cada vez mais [...]⁵⁷.

A explicação de Wiener se refere ao fenômeno corriqueiro das marés que aglutinariam as conchas umas em cima das outras em camadas, sufocando as inferiores com areia e iodo. Poderíamos concluir então pela hipótese de Wiener que todo ambiente sujeito às marés e apresentando espécies de moluscos como o berbigão e a *Corbula* conteriam sambaquis naturais. Naturalmente, essa hipótese não poderia se conservar com o aumento do número de pesquisas no final do século XIX. Foram, cada vez mais, encontradas evidências a favor dos artificialistas.

55 WIENER, 1876, p. 16.

56 Os moluscos bivalves possuem duas peças articuladas por ligamentos, ex.: *Corbula* e Mexilhão.

57 Ibidem.



Cabe-nos agora expor a versão de Fritz Müller sobre a expedição. Em uma carta datada de 25 de dezembro de 1875 dirigida a Charles Darwin, na qual, dentre outros assuntos, fala brevemente sobre a expedição, deixando os detalhes para a publicação de Wiener. Nesta carta Müller faz uma consideração que não aparece no relatório. Para ele, a divisão mais importante dos sambaquis é a biológica, da composição faunística, pois ele apresenta os sambaquis para Charles Darwin em 3 categorias⁵⁸: os compostos por várias espécies de conchas bivalves e univalves⁵⁹; os compostos por conchas de berbigões, muito comuns nas baías rasas ou lagoas salgadas; e os compostos por conchas de uma espécie de *Corbula* que só eram encontradas em sambaquis em estado fóssil.

Sobre esta distinção, durante o discurso de inauguração da estátua de Fritz Müller em Blumenau no dia 20 de maio de 1929, Edgar Roquete-Pinto (1884-1954), antropólogo e etnólogo brasileiro, proferiu: “Ando muito enganado, ou então, de futuro, as singelas notas de Fritz Müller servirão imensamente para a resolução do problema dos Sambaquis”⁶⁰.

Algumas considerações: o nascimento de uma ciência interdisciplinar

As teorias desenvolvidas por Wiener no século XIX são muito interessantes. E, acredito, que reside uma questão bem importante na maneira como os elementos das ciências naturais trazido por Müller tiveram espaço na argumentação do franco-austríaco. Durante as três últimas décadas do século XIX, a arqueologia estava se especializando como disciplina autônoma junto com a antropologia, a geologia, a zoologia, dentre outras disciplinas⁶¹, de acordo com seus objetos de estudo. Porém, não foram excluídas do raciocínio arqueológico questões de ordem geológica, paleontológica ou das ciências naturais de modo geral. Portanto, no mesmo momento em que a disciplina estava definindo seus contornos gerais⁶², ela estava se consolidando como uma área do conhecimento essencialmente interdisciplinar.

É neste sentido, a meu ver, que podemos esclarecer o interesse de Müller na

58 MÜLLER, Fritz. On Brazil Kichen Middens, habits of ants etc.: letter to Mr. Darwin. *Nature*, v. XIII, p. 304-305, 1876.

59 Moluscos univalves ou gastrópodes possuem uma concha unificada, ex.: Caramujo do Mar.

60 ROQUETE-PINTO, Edgar. Glória sem rumor. In: ROQUETE-PINTO, E.; et al. *Fritz Müller: reflexões biográficas*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000. p. 41.

61 BUENO, Lucas; MACHADO, Juliana. Paradigmas que persistem: as origens da arqueologia no Brasil. *Revista eletrônica ComCiência*, v. 2, p. 7, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq16.shtml>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

62 Cabe lembrar que até a atualidade não há um consenso do que seja a arqueologia, sendo ela mesma “uma ciência em construção”. cf.: FUNARI, Pedro P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Ed. Ática S. A., 1988. p. 9.



expedição. O modo de fazer arqueologia de Wiener abriu espaço para as considerações do naturalista que, acreditou que sua participação seria útil ao estudo dos sambaquis. Podemos assim pensar que as ciências naturais implementaram a arqueologia quanto ao seu conteúdo e ao tipo de questões que começaram a serem feitas, destacando o entorno biológico e a relação dos povos sambaquieiros com as outras espécies do ecossistema.

Este não foi o único viés, houve também a introdução do ‘darwinismo-social’, não por parte de Müller, que não escreveu nada sobre doutrinas raciais ou fez considerações deste tipo, mas por parte da introdução do paradigma evolucionista atrelado a noção de progresso, comum do século XIX de modo geral que “via de forma pessimista a miscigenação”⁶³ na construção de uma identidade nacional.

Referências

BARRETO, Cristina. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, n. 44, p. 32-51, dez.-fev. 1999-2000.

BUENO, Lucas; MACHADO, Juliana. Paradigmas que persistem: as origens da arqueologia no Brasil. *Revista eletrônica ComCiência*, v. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq16.shtml>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

CASTRO, Moacir. *O sábio e a floresta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FERREIRA, Lúcio M. “Um bando de ideias novas” na arqueologia. *Diálogos*, Maringá, v. 5, n. 1, p. 141-167, 2001.

_____. Solo civilizado, chão antropofágico: a arqueologia imperial e os sambaquis. 2003. Disponível em: <http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/arq_hist_strat/solo_civilizado.htm>. Acesso em: 5 out. 2015.

_____. Vestígios de civilização: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a construção da arqueologia imperial (1838-1870). *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 1, n. 4, p. 9-36, 1999.

FUNARI, Pedro P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Ed. Ática S. A., 1988.

GASPAR, Madu. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LIMA, Tania Andrade. Em busca dos Frutos do Mar: os pescadores-coletores do litoral

63 SCHWARCZ, 1993, P. 58.



centro-sul do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 270-327, 1999-2000.

LÖWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e postivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2013.

MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

RIVIALE, Pascal. Charles Wiener o el disfraz de una misión lúcida. *Bulletin de l'Institut français d'études andines*, Lima, n. 32, v. 3, p. 539-547, 2003. Disponível em: <<http://bifea.revues.org/6153>>. Acesso: 29 maio 2016.

_____. *Los viajeros franceses en busca del Perú antiguo (1821-1914)*. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos, 2000. Disponível em: <<http://books.openedition.org/ifea/3568>>. Acesso: 29 maio 2016.

ROQUETE-PINTO, Edgar. Glória sem rumor. In: ROQUETE-PINTO, E.; et al. *Fritz Müller: reflexões biográficas*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000.

SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ZILLIG, Cezar. *Dear Mr. Darwin: a intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*. São Paulo: Sky, 1997.

Fontes

MÖLLER, Afred; MÜLLER, Fritz. *Werke, Briefe und Leben*. Jena: Gustav Fischer, 1915-20.

MÜLLER, Fritz. On Brazil Kichen Middens, habits of ants etc.: letter to Mr. Darwin. *Nature*, v. XIII, 1876.

WIENER, Charles. Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional*, v.1, 1876.

Recebido em 02 de novembro de 2015

Aceito para a publicação em 26 de janeiro de 2017

